

IMPACTOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NA TRAJETÓRIA DE GYÖRGY LUKÁCS**Marteano Ferreira de Lima¹****RESUMO**

A trajetória lukacsiana foi marcada por rupturas, autocríticas e viragens significativas. Algumas delas tão profundas e radicais que geraram a impressão de uma descontinuidade no seu devir. Todavia, com base em escritos autobiográficos e nos prefácios críticos do próprio filósofo, além da contribuição de parte dos seus mais significativos intérpretes, é possível identificar a existência de uma dialética entre a continuidade na descontinuidade e a descontinuidade na continuidade na sua evolução. A consideração desse processo dialético é fundamental para a adequada compreensão das etapas do pensamento de Lukács, especificamente, a viragem efetivada sob a influência do Outubro Vermelho. A partir dessa perspectiva, o presente texto se propõe a examinar o impacto da Revolução Russa na trajetória do filósofo húngaro György Lukács. Nesse sentido, aponta as mais importantes consequências desse evento ímpar, destacando aspectos significativos da trajetória lukacsiana relacionados à viragem que inaugura o seu segundo encontro com Marx, configurando a fase protomarxista que, conforme Oldrini, estabelece a transição do pré-marxismo ao marxismo próprio de sua maturidade intelectual.

Palavras-chave: Trajetória de Lukács; Revolução Russa; Marxismo.

IMPACTS OF RUSSIAN REVOLUTION IN GYÖRGY LUKÁCS' TRAJECTORY**ABSTRACT**

The Lukacsian trajectory was marked by ruptures, self-criticisms and significant turns. Some of them were so deep and radical that they gave the impression of an irreversible discontinuity. However, on the basis of autobiographical writings and critical prefaces produced by the philosopher himself, in addition to the contribution of his most significant interpreters, it is possible to identify the existence of a dialectic relationship between continuity in discontinuity and discontinuity in continuity in his evolution. The consideration of this dialectical process is fundamental for an adequate understanding of the stages of Lukacs' thought, namely, the actual turning under the influence of the Red October. From this perspective, the present text proposes to examine the impact of the Russian Revolution on the trajectory of the Hungarian philosopher György Lukács. In this sense, it points out the most important consequences of this unique event, highlighting significant aspects of the Lukacsian trajectory related to the turning point that inaugurates his second encounter with Marx, shaping his protomarxist phase that, according to Oldrini, establishes the transition from pre-Marxism to Marxism which pertains to Lukács intellectual maturity.

¹ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: marteanaf1@yahoo.com.br

Keywords: Lukács' trajectory; Russian revolution; Marxism.

Introdução

A Revolução Russa é um marco extremamente significativo para György Lukács, revelando-se como um momento singular que impulsiona uma ruptura na sua evolução. A adequada compreensão dessa ruptura, todavia, só é possível se considerada a relação dialética de continuidade na descontinuidade e de descontinuidade na continuidade própria da trajetória do filósofo húngaro. Entre outras coisas, o Outubro Vermelho significou uma saída para a situação de desespero na qual se encontrava Lukács, em consequência da Primeira Guerra Mundial, provocando desdobramentos essenciais que levaram à sua adesão ao Partido Comunista e foram determinantes no seu caminho até Marx.

Sobre a trajetória de György Lukács

A trajetória de György Lukács (1885-1971), ao longo de mais de sessenta anos de produção intelectual, descrevendo uma complexa evolução teórica e ideológica, foi marcada por uma série de etapas, configuradas sob diferentes influências. Sua formação se desenvolveu em meio a um processo de assimilação de diversificadas e diferenciadas substâncias, tornando sua trajetória bastante sinuosa e complexa e levando, frequentemente, à conclusão da inexistência de unidade e continuidade em seu devir.

Esse complexo percurso intelectual, marcado por viragens, rupturas, contradições e autocríticas é, muitas vezes, traduzido pela ótica de uma “descontinuidade caleidoscópica” (TERTULIAN, 2008). Por isso, geralmente, seus críticos assumem a descontinuidade como característica central de sua trajetória e erguem verdadeiras muralhas entre as diversas fases ou períodos descritos. A vasta produção lukacsiana, a variedade de influências nela convergentes, as reviravoltas e a complexa e, aparentemente, tênue, linha de continuidade de sua evolução abriram campo fértil para as mais diferenciadas interpretações, conclusões e especulações. Entre as principais, a ideia de ruptura como a expressão de um *corte*, separando momentos estanques, abre uma fratura irreparável entre o jovem e o Lukács da maturidade (NETTO, 1983), anulando qualquer perspectiva de continuidade entre

esses momentos e, geralmente, elegendo a produção juvenil como mais significativa.

Um exame equilibrado da obra e da trajetória de Lukács, entretanto, possibilita encontrar traços de continuidade mesmo diante das mais radicais viragens e rupturas. É o caso do livro de Guido Oldrini, “*György Lukács e os problemas do marxismo do século XX*”. O intérprete italiano defende a necessária clareza acerca da escansão cronológica das etapas do pensamento de Lukács, distinguindo o que pertence a sua formação de *pensador* e o que vai caracterizá-lo como *pensador marxista*. Assinala, porém, que essas duas etapas, embora tenham significativas diferenças que as distinguem e particularizam, não devem ser isoladas entre si como se não existissem vínculos entre elas.

Ademais, nos próprios escritos de Lukács, encontramos várias passagens voltadas à defesa dessa linha de continuidade na sua trajetória, articulando diferentes etapas do seu desenvolvimento intelectual, além do destaque para a centralidade da influência de Marx nesse percurso, como se pode constatar na citação a seguir:

A mim me parece que, na época que se segue à de Marx, a tomada de posição em face de seu pensamento deve representar o problema central de todo pensador que se leva a sério e que o modo e o grau em que ele se apropria do método e dos resultados da pesquisa de Marx condicionam o seu lugar no desenvolvimento da humanidade. Esta evolução é determinada pela posição de classe; porém, não se trata de uma determinação rígida, mas, sim, dialética. A nossa posição na luta de classes determina amplamente o modo e o grau da nossa apropriação do marxismo; mas, por outro lado, todo aprofundamento desta apropriação fomenta cada vez mais nossa adesão à vida e à práxis do proletariado e esta adesão, por seu turno, resulta num aprofundamento da nossa relação com a doutrina de Marx (LUKÁCS, 2008, p.41).

Esse movimento dialético revela-se na trajetória lukacsiana. No seu “Caminho para Marx”, os dois fatores mencionados – a posição de classe e o modo e grau de apropriação do marxismo – são decisivos. Todavia, a irrupção da realidade manifesta-se de forma nada desprezível na sua evolução.

É a partir dessa perspectiva que o Outubro Vermelho se constituiu num dos eventos mais marcantes na trajetória de Lukács, impulsionando a transição da fase pré-marxista ao protomarxismo². Entre suas principais consequências, podemos assinalar tanto uma mudança relativa à posição de Lukács na luta de classes, quanto na sua forma de apropriação do pensamento marxiano. Trata-se, sem

² Aqui, fazemos referência às etapas indicadas por Oldrini (2009).

dúvida, de uma viragem, de uma ruptura. Porém, seu impacto arrebatador não anula o sentido de continuidade descontínua, própria da dialética trajetória do filósofo magiar. A compreensão acerca desse impacto requer a caracterização de alguns aspectos dos períodos pré-marxista e protomarxista.

O primeiro encontro de Lukács com Marx: traços da fase pré-marxista

A primeira formação de Lukács se efetiva tendo como pano de fundo o amplo ambiente da cultura da Europa Central, particularmente aquela que tem as suas raízes no império austro-húngaro e na Alemanha do período pré-bélico. À luz desse ambiente, o pensamento do jovem Lukács surge “entre um cintilante e atravessado jogo de influências” (OLDRINI, 2009, p.16³), de cujos desdobramentos ele terá consciência crítica apenas depois.

Uma característica bastante forte da personalidade de Lukács – a rebeldia – manifesta-se muito cedo, ainda na infância, quando rejeitava o *protocolo* que o obrigava a cumprimentar estranhos e na “guerra de guerrilhas” travada com sua mãe (LUKÁCS, 1999). Nas primeiras experiências de leitura, essa rebeldia já sinaliza uma aversão aos valores burgueses. Aos nove anos, ele lê a *Ilíada* e *O Último dos Moicanos*. A influência desses livros sobre ele é notável. Mais de sete décadas depois, o filósofo afirma: “O destino de Heitor, isto é, o fato de que o homem derrotado tinha razão e era o grande herói, foi determinante para todo o meu desenvolvimento posterior.” (LUKÁCS, 1969, p. 30-1). De forma ainda mais contundente, algum tempo depois, ele retoma essa experiência infantil e seu significado para sua formação: “Através desses livros compreendi que o sucesso não é critério, que uma pessoa pode estar agindo corretamente mesmo quando não o alcança”. (LUKÁCS, 1986, p. 20). Essa compreensão é decisiva para a relação mantida pelo jovem crítico com o ambiente onde vivia, “no qual o sucesso, obtido

³ Todas as citações de Oldrini (2009) utilizadas neste artigo foram livremente traduzidas da edição em italiano, **György Lukács e i problemi del marxismo del novecento**, pela autora do presente artigo. Assinalamos, todavia, a existência de uma edição dessa obra em língua portuguesa, recentemente publicada pela Editora Coletivo Veredas, com tradução de Mariana Andrade.

mediante compromissos⁴ e mesmo através de coisas piores constituía quase que o único critério do valor das pessoas” (idem, p. 21).

O típico conservadorismo húngaro, sua aversão ao novo e sua censura em direção a toda forma cultural de resistência ou de protesto são reproduzidos também no mundo universitário. Ademais, *Lipótváros*, o bairro aristocrático de Budapeste onde Lukács residia, reproduzia o ambiente vienense da *Belle Époque*. A rejeição do jovem Lukács a esse ambiente é patente. O sentimento de repúdio e a aversão aos costumes reproduzidos na Budapeste da sua juventude explicitam sua relação contraditória com a cultura húngara. Em um de seus últimos escritos, essa relação é assim caracterizada: “Vida burguesa: síntese da problemática da infância e juventude: vida plena de sentido é impossível no capitalismo; aspiração: tragédia e tragicomédia /.../” (LUKÁCS, 1999, p.153). A recusa radical àquele estilo aristocrático e burguês leva Lukács a tornar-se o que mais tarde ele descreveria como “*outsider* excêntrico”. Mesmo suas constantes contribuições com os principais periódicos húngaros à época – *Ocidente* e *Século XX* – não eliminavam ou minimizavam sua percepção dos “limites sociopolíticos e filosóficos das tendências expressas neles” (MÉSZÁROS, 2013, p. 36).

Embora os traços dominantes da cultura centroeuropeia da época do imperialismo sirvam de base para seu pensamento, sua personalidade rebelde e autônoma consegue estabelecer com ela uma complexa relação de proximidade e de distanciamento. Tanto os ambientes judaico-burgueses quanto o meio universitário húngaro não lhe produziam qualquer satisfação. Leitor apaixonado, desde a adolescência, seus estímulos formativos provinham da literatura mundial, em especial, da alemã. Em relação à produção húngara, seu interesse era bem escasso, havendo uma exceção, como demonstram as palavras do autor: “As poesias de Endre Ady tiveram sobre mim um efeito absolutamente perturbador e, grosso modo, eram a primeira obra da literatura húngara na qual me sentia em casa e na qual me reconhecia” (LUKÁCS, 1986, p. 25). O caráter revolucionário contido no “eu não me deixo comandar” de Ady exerceu sobre o jovem esteta uma forte influência, fazendo com que surgisse algo inusitado naquele contexto: “uma mistura que não existia na literatura da época, ou seja, que alguém, hegeliano e

⁴ Cotejando as observações de Lukács e a análise de Oldrini (2009) em relação ao contexto referido pelo filósofo, é importante registrar que o termo *compromisso* guarda o sentido de concessão, comprometimento por meio de concessão.

representante da ciência do espírito, assumisse ao mesmo tempo uma posição de esquerda e mesmo, dentro de certos limites, revolucionária”. (LUKÁCS, 1999, p. 40).

O profundo alcance da “linha Ady”, todavia, se manifestará de forma cristalina apenas com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Na configuração do período ensaístico do jovem esteta, tiveram caráter determinante os influxos advindos dos principais expoentes das assim chamadas “ciências do espírito” – Dilthey, Simmel e Weber, além de Kant. Coincide com esse período juvenil a primeira aproximação com o marxismo.

Lukács tem o primeiro contato com o pensamento de Marx por volta de 1902. À época em que concluía os estudos secundários, ele conheceu o *Manifesto Comunista*, cuja leitura causou-lhe grande impressão. Durante os estudos universitários – Lukács se formará em Economia (1906) e Filosofia (1909) – ele lê alguns textos de Marx e de Engels, entre os quais estão: *O 18 brumário* e *A origem da família*. Mas é o estudo do livro primeiro de *O Capital* que mais centralizará sua atenção nesse momento. Esse estudo – afirmará Lukács, quase três décadas depois – “logo me convenceu da correção de alguns pontos centrais do marxismo. Impressionaram-me, em primeiro lugar, a teoria da mais-valia, a concepção da história como história das lutas de classes e a estruturação da sociedade em classes”. Entretanto – continua o filósofo – “Naquele momento, como é óbvio no caso de um intelectual burguês, esta influência se limitou à economia e, sobretudo, à ‘sociologia’”. (LUKÁCS, 2008, p. 37). Seu objetivo era encontrar um fundamento “sociológico” para a monografia sobre o drama moderno. Justamente por isso, ele estava interessado no “Marx ‘sociólogo’, visto em grande medida pelas lentes metodológicas de Simmel e Max Weber”. (LUKÁCS, 2003, p. 3).

O primeiro encontro com Marx parece sustentar a assertiva lukacsiana: “nossa posição na luta de classes determina amplamente o modo e o grau da nossa apropriação do marxismo” (LUKÁCS, 2008, p. 41). Seu comportamento acadêmico diante do marxismo permitiu a incorporação do Marx “sociólogo”, completamente separado de qualquer fundamento econômico, em consonância com a perspectiva simmeliana então assumida pelo autor da *História da evolução do drama moderno*. Lukács afirma que a sociologia da literatura por ele edificada, tomando como modelo Simmel e Kant, incluiria, também, elementos provenientes de Marx. Todavia, reconhece que tais elementos estariam tão empalidecidos que mal poderiam ser

reconhecidos. No *Diálogo sobre o Pensamento Vivido*, o filósofo confessa: “A filosofia sotoposta ao meu livro sobre o drama é, na verdade, a filosofia de Simmel.” (LUKÁCS, 1986, p. 24).

Nesse sentido, em relação ao primeiro encontro com Marx, em síntese, podemos constatar que o período pré-marxista do filósofo húngaro não se configurou pela ausência de contato com a obra marxiana, pois, em sua formação juvenil, já conhecera alguns elementos importantes do marxismo. Todavia, esses elementos foram filtrados pela lente de Simmel e empalidecidos frente à posição de classe e à concepção de mundo afinada com a teoria neokantiana da *imanência da consciência* e não se sobrepuseram em meio ao jogo de influências que configuravam o pensamento lukacsiano de então. Assim, é importante destacarmos a advertência feita por Oldrini acerca da distinção entre a proposição de algumas teses de Marx e a asserção do marxismo como teoria. Partindo dessa premissa, segue-se sua lúcida conclusão:

Aquele pouco de marxismo que vem indiretamente entre as mãos do Lukács pré-bélico é o reflexo de um genérico anticapitalismo romântico, não diferente daquele que circula em parte da cultura centroeuropeia da época, ou o marxismo já cuidadosamente depurado, por meio do impacto revisionista, de todos os seus traços revolucionários (crítica da ideologia, luta de classe, dialética etc.), e assim, por exemplo, tornado conveniente com as questões da sociologia contemporânea. (OLDRINI, 2009, p.95).

Com base nessas proposições, percebemos que, no primeiro encontro com Marx, Lukács não fez mais do que assumir uma perspectiva acadêmica frente ao marxismo, bem ao gosto das ciências do espírito com as quais comungava. Assim, concluímos que mesmo o sentimento de recusa do mundo burguês e a insatisfação com as teorias que emergiam sob sua égide não foram suficientes para preservar completamente o jovem esteta da influência da cultura centroeuropeia, no que se refere à forma de apropriação do marxismo. Justamente por isso, o desdobramento dos eventos históricos terá significativa importância para sua trajetória no caminho para Marx.

Em meio à crise estabelecida pela eclosão do conflito bélico, a reação lukacsiana – repúdio imediato e categórico à guerra – não deve ser interpretada como um simples traço pacifista na sua personalidade. Antes, sua postura antibelicista alinhava-se à posição contrária às democracias ocidentais e às

potências centrais⁵. Na compreensão do filósofo, a guerra, resultante da união de todas as forças sociais que ele odiava e queria destruir, “revelou o falso, o inumano”. Se, antes, já considerava desprezíveis aquelas potências e julgava a monarquia dos Habsburgos, sua pátria, “como uma insensatez humana destinada à destruição”, agora, no novo quadro, constata a obrigatoriedade de se empenhar a própria vida, de tomar parte neste “homicídio universal, para que esse obstáculo ao devenir homem continuasse conservado pela ordem rigorosa /.../ do império alemão. Devíamos nos tornar individualmente assassinos, criminosos, vítimas etc. para, desse modo, preservar a existência disso”. (LUKÁCS, 1999, p. 159).

A crise provocada pela guerra mundial coloca fim a uma época. Sociedade e cultura são abaladas. Na sociedade se abrem fraturas insanáveis entre ideologias de classe; na cultura mudam de cima a baixo as coordenadas e os parâmetros de julgamento. Para Lukács, termina aquela fase de seu aprendizado desenvolvido a reboque da cultura centroeuropeia da época do imperialismo e começa um caminho inteiramente novo, destinado, com milhares de viravoltas, a marcá-lo e acompanhá-lo pelo resto da vida. (OLDRINI, 2009, p.91).

Sob essa perspectiva, a guerra mundial representava para Lukács “a crise de toda a cultura europeia; considerava o presente, para dizê-lo com as palavras de Fichte, *Zeitalter der vollendeten Sündhaftigkeit* [a era da completa culpabilidade]; considerava-o como uma crise da civilização, da qual só se poderia sair por uma via revolucionária” (LUKÁCS, 2009, p.24). Porém, já em plena maturidade, percebendo que a sua “visão do mundo ainda tinha um fundamento puramente idealista”, acrescenta: “a ‘revolução’ seria puramente moral.” (idem, p.24). No mesmo sentido, é bastante reveladora a avaliação contida no prefácio de 1962 à *Teoria do Romance*: “Uma coisa é clara: esse repúdio da guerra e, com ele, da sociedade burguesa da época era puramente utópico; nem sequer no plano da inteligência mais abstrata havia na época algo que mediasse minha postura subjetiva com a realidade objetiva” (LUKÁCS, 2000, p. 8).

À rebeldia, ao pessimismo e à visão trágica do mundo, características do Lukács do período pré-bélico, a precipitação do conflito mundial acrescentou o desespero. A força do impacto desse acontecimento sobre o pensador húngaro pode ser constatada não apenas por sua presença marcante nos textos

⁵ Como descreve Mészáros (2013, p. 98-9), Lukács “assiste à eclosão da guerra com um pessimismo absoluto e afirma com ironia, a respeito das palavras de Marianne Weber sobre as histórias de heroísmo individual: ‘Quanto melhor, pior!’. Do mesmo modo, embora dê as boas-vindas à perspectiva da destruição do sistema dos Habsburgos, dos Hohenzollern e dos czares, pergunta com certo desespero: ‘Mas quem nos salvará da civilização ocidental?’”.

autobiográficos e prefácios críticos redigidos na maturidade, mas pela mudança nos rumos da sua trajetória naquele preciso momento. É principalmente o estado de desespero provocado pela guerra o estopim para a crise filosófica experimentada pelo esteta-filósofo⁶. Ele assim a descreve:

[...] esta crise – sem que eu o soubesse – foi determinada objetivamente por uma mais intensa manifestação das contradições imperialistas e acentuada pela eclosão da guerra mundial. Decerto, esta crise se expressou inicialmente somente na forma de uma passagem do idealismo subjetivo ao idealismo objetivo (*Teoria do romance*, redigida entre 1914 e 1915), com Hegel assumindo para mim uma importância cada vez maior (particularmente a *Fenomenologia do espírito*). (LUKÁCS, 2008, p.38-9).

A crise filosófica imbrica-se com a crise moral deflagrada em consequência do quadro histórico pintado pela guerra. Como resultado, realiza-se um deslocamento no eixo de sua atividade teórica, impulsionando o esteta-filósofo na elaboração de um novo projeto. O livro *Teoria do romance*, originalmente concebido como a introdução de uma obra sobre Dostoievski, reflete esse “estado de ânimo de permanente desespero com a situação mundial” (LUKÁCS, 2000, p. 8) e evidencia a abordagem de problemas que vão muito além da especulação estética.

No embate com os grandes problemas morais e históricos, consubstancia-se, na *Teoria do romance*, “uma concepção de mundo voltada a uma fusão de ética de ‘esquerda’ e epistemologia de ‘direita’ (ontologia etc.)” (LUKÁCS, 2000, p.17). Importa destacar o quanto, na *Teoria do Romance*, revela-se um imbricado feixe de relações entre ferramentas teóricas distintas, incorporando o arsenal crítico-literário consolidado até então na formação do jovem esteta. A configuração dessa trama é assim explicitada:

Encontrava-me, a essa altura, no processo de transição de Kant para Hegel, sem contudo alterar em nada minha relação com os métodos das chamadas ciências do espírito; essa relação baseava-se essencialmente nas impressões que me causaram na juventude os trabalhos de Dilthey, Simmel e Max Weber. *A teoria do romance* é, de fato, um produto típico das tendências das ciências do espírito. (LUKÁCS, 2000, p.9).

Em meio a essa efervescência, mesmo superando a primeira impressão compartimentalizada de Marx como o “eminente especialista”, o “economista” ou o

⁶ Confirma tal fato a seguinte passagem referida por Mészáros (2002, p. 358): “O desafio intelectual de superar as tensões do seu sistema, de acordo com sua lógica imanente, foi muito importante para o desenvolvimento subsequente de Lukács. Contudo, o elemento decisivo para isso foi a irrupção da realidade, sob a forma da própria conflagração global, no interior do seu mundo auto-referente (*sic*), de pura forma, onde se podia seriamente esperar ‘esquecer a existência de tudo o que fosse problemático’.” E, acrescenta, no parágrafo seguinte: “A guerra acelerou tremendamente o processo de autodefinição teórica de Lukács /.../”.

“sociólogo” e avançando no sentido de visualizá-lo como “o filósofo do pensamento de largo alcance, o grande dialético”, é importante assinalar que o significado do materialismo, no sentido de concretizar e totalizar, ainda não havia sido apreendido por Lukács e isso impediria a formulação coerente dos problemas da dialética. Acerca desse período, conclui o pensador húngaro: “O máximo a que cheguei foi a uma prioridade (hegeliana) do conteúdo em relação à forma e a procurar uma síntese (essencialmente hegeliana) de Hegel e Marx numa ‘filosofia da história’”. (LUKÁCS, 2008, p. 39).

O segundo encontro de Lukács com Marx: do pré-marxismo ao protomarxismo

No segundo encontro com Marx, Lukács debruçou-se sobre os escritos filosóficos juvenis marxianos, embora também estudasse “apaixonadamente” – como ele mesmo afirmará – a *Introdução à crítica da economia política*. Se, no primeiro encontro, Marx era visto através de Simmel, agora, neste segundo contato, são as lentes de Hegel que filtram a visão lukacsiana. Todavia, o contexto histórico que serviu de cenário para o segundo encontro de Lukács com Marx foi o período da Primeira Guerra Mundial, portanto, um momento de grande efervescência para a trajetória do autor húngaro. O sentimento de repúdio aos valores burgueses presente no período pré-marxista é, então, exacerbado. Além disso, a transição de um idealismo subjetivo, presente em seus primeiros escritos, para um idealismo objetivo, demarcando sua passagem de Kant a Hegel é uma importante característica desse segundo momento. Essa transição, todavia, não significou que o filósofo alemão assumiria a centralidade na formação de Lukács. Vários outros elementos agiam nele. Além daqueles provenientes da cultura centroeuropeia, a considerável influência desempenhada por Kierkegaard no jovem Lukács refletia-se, ainda, na forma de apropriação de Hegel, e, num certo sentido, caracterizava seu estado de espírito. Ademais, durante o conflito mundial, o esteta-filósofo se aproximou do sindicalismo de Erwin Szabó – por meio do qual se estabeleceu seu interesse por Sorel – e leu a obra de Rosa Luxemburgo anterior à guerra. Como resultado desses influxos, surgiria, conforme sua posterior avaliação, “um amálgama de teorias internamente contraditório” (LUKÁCS, 2003, p. 4).

A irrupção da realidade implicaria importantes consequências não apenas para seu desenvolvimento intelectual, mas provocaria intensas mudanças de ordem prática na sua vida como um todo. A eclosão da guerra fez ruir o mundo burguês, tragando seus ideais e extinguindo a ilusão de segurança. Para além do dilacerante desespero e do profundo pessimismo frente à realidade, Lukács viu-se diante de uma verdadeira encruzilhada:

[...] uma guerra que constringia cada um a recolocar-se o problema da sensatez ou insensatez também da própria vida privada [...]. Para cada um de nós, cuja história chegou nesta encruzilhada, a pergunta se fazia pessoal, íntima: qual posição assumir, se a minha própria existência deve ter um sentido, nos confrontos desta alternativa? (LUKÁCS *In*: OLDRINI, 2009, p. 97).

Essa pergunta, ao mesmo tempo crucial e urgente, tem um significado bastante peculiar quando consideramos que a crise da civilização burguesa, cujo ponto culminante se materializa no conflito mundial, “engendrara na consciência do filósofo – como explicita Tertulian (2008, p. 37) – um estado de espírito tipicamente kierkegaardiano: o ‘eu’ se encontrava numa relação de tensão sem saída com a realidade objetiva”. O espetáculo desolador proporcionado pela guerra fortalecia em Lukács a percepção de um verdadeiro abismo entre a interioridade e a exterioridade, intensificando uma tendência já presente nas elaborações de *A alma e as formas*, na qual o jovem esteta buscava, na pureza da *forma* – alcançada pela identidade arbitrária entre forma e ética –, a possibilidade de “esquecer a existência de tudo que é problemático e bani-lo para sempre de sua esfera” (LUKÁCS *In*: MÉSZÁROS, 2002, p. 357), demonstrando claramente uma separação entre a vida autêntica a que aspirava – regida por uma ética abstrata – e a vida empírica, ordinária – degradada pelas determinações burguesas. Como responder àquela pergunta, se a realidade, posta nesses termos, não lhe apresentava qualquer saída?

A Revolução Russa de 1917 surgiu, então, como a resposta aos seus anseios, uma resposta às questões que se lhe pareciam insolúveis até aquele momento⁷. No âmbito daquela fermentação ideológica, esse evento assumiu, na compreensão lukacsiana, a personificação de uma saída para a guerra e para o capitalismo. Na sua autobiografia, a argumentação a esse respeito é cristalina:

⁷ Os anseios de Lukács deviam-se à sua visão trágica de mundo e à constatação da inexistência de “uma força social capaz de levar a luta revolucionária contra o capitalismo”. Daqui emerge o significado da Revolução de 1917, pois o “Outubro (e, em certa medida, os acontecimentos de 1918 na Hungria) mostrou-lhe precisamente a existência de tal força: o proletariado e sua vanguarda bolchevique” (LÓWY, 1998, p.158).

[...] por mais que eu condenasse a situação húngara, não estava preparado em absoluto para aceitar o parlamentarismo inglês como solução ideal. Mas, naquela época, eu não via nada que se pudesse pôr no lugar do que havia. E é desse ponto de vista que a revolução de 1917 foi uma experiência tão significativa, pois lá de repente aparecia no horizonte que as coisas também poderiam ser diferentes. Qualquer que fosse a atitude que se tivesse em relação a esse “diferente”, esse “diferente” modificou a vida de todos nós, a vida de uma parte considerável da minha geração. (LUKÁCS, 1999, p. 46).

Como um raio de luz lançado sobre a noite escura, o Outubro Vermelho assinala uma possibilidade de futuro imanente, inaugurando, para Lukács, uma perspectiva revolucionária fundada na própria realidade. Assim, abre-se no horizonte uma nova concepção: não se trata mais de uma revolução ética e moral, de viés puramente abstrato – como a consubstanciada na *Teoria do romance* –, mas de uma **revolução verdadeira**. E, embora traços próprios da visão anterior – idealismo, misticismo, messianismo – ainda permaneçam por algum tempo, após a Revolução de 1917, Lukács não mais suportaria “os limites que as categorias presentes em seus escritos anteriores lhe impunham, assim como não pôde mais expressar sua preocupação socialmente específica nos termos da ‘ética de esquerda e epistemologia de direita’ de *A teoria do romance*”. (MÉSZÁROS, 2002, p. 362-3). Uma ruptura gestava-se a partir deste momento. Sua efetivação, é oportuno registrar, será caracterizada pela dialética da continuidade e da descontinuidade.

Certamente, como enfatiza Tertulian (2008, p. 38), “É à grande revolução russa que se deve o desfecho decisivo da crise espiritual aguda que Lukács atravessava na época de *A teoria do romance*”. Mas a superação da crise instaurada pela guerra não foi a única consequência da Revolução de Outubro para o filósofo húngaro. Ela também o conduziu à adesão ao Partido Comunista, que ele definirá como “a maior viragem, o maior resultado evolutivo na minha vida” (LUKÁCS, 1999, p. 161). Esta é uma viragem cuja processualidade acolhe elementos e relações extremamente complexos, como podemos perceber a partir do seguinte trecho da autobiografia de Lukács:

Já mencionei que simpatizei desde o início com a Revolução Russa e também saudei a proclamação da República dos Conselhos. Mas, afinal, eu também tinha crescido em meio a preconceitos burgueses. Por conseguinte, a palavra de ordem da ditadura do proletariado suscitou em mim *uma certa crise ideológica*, cujo produto foi publicado no jornal *Szabadgondolat* (Pensamento Livre), onde, num artigo, *tomei posição contra a ditadura*. Depois que essa crise foi resolvida, em dezembro de 1918, Seidler me chamou para um encontro com Kun e Szamuely. (LUKÁCS, 1999, p.58; grifos nossos).

O Bolchevismo como problema moral, redigido em novembro de 1918, é citado pelo filósofo, em vários textos autobiográficos e prefácios críticos, como a última hesitação antes da decisão definitiva e irrevogável de ingressar no movimento revolucionário operário. A brevidade dessa hesitação é tanto indiscutível – considerando que o autor ingressou no Partido Comunista Húngaro em dezembro do mesmo ano – como reveladora do caráter transitório da crise ideológica experienciada. No entanto, a brevidade da hesitação e a rapidez da superação da referida crise ideológica não podem obliterar a importância substancial do artigo para a apreciação deste momento da trajetória do filósofo. Pelo contrário: reforçam-na. O texto desvela o impasse no qual Lukács se encontrava quando, sob o impacto da Revolução, percebeu-se premido a se posicionar frente aos significativos acontecimentos históricos testemunhados. E, mais importante, põe em relevo tanto o conflito ético no qual se debatia, como a concepção acerca do pensamento marxiano então defendida pelo autor. Examinemos melhor.

A objeção de Lukács ao bolchevismo, fruto da mencionada *crise ideológica*, tem estreita relação, conforme Löwy, com “um dualismo de tipo neokantiano entre ‘a árida realidade empírica’ e ‘a vontade ética, utópica, humana’”, apontado por este crítico como o “ponto de partida ideológico, *que dá estrutura ao conjunto do artigo*”. (LÖWY, 1998, p. 159; grifos no original). De fato, toda a discussão desenvolvida ao longo do texto se pauta a partir de um dualismo, muitas vezes cristalizando determinados conceitos ou elementos numa oposição rígida e absoluta, como é o caso da relação entre o bem e o mal. Todavia, no que se refere às influências do neokantismo sobre o filósofo húngaro, é oportuno registrar as esclarecedoras ponderações de Mészáros (2013, p. 39): “O jovem Lukács recolheu-as segundo o espírito de sua própria situação e as assimilou a sua própria maneira, em uma síntese abrangente que não se reconhece em nenhuma obra de seus amigos ou professores”. Essa passagem é importante por dirimir qualquer possibilidade de se pensar em Lukács como um simples seguidor do neokantismo. Ademais, sua síntese peculiar agregava muitas outras influências, além daquelas provenientes do neokantismo. Sua trajetória é demasiado complexa para compatibilizar-se com rotulações simplistas.

Em relação ao artigo em apreço, após afirmar que não pretende tratar “das possibilidades de realização prática do bolchevismo, nem das consequências úteis

ou nocivas de seu eventual acesso ao poder”, mas “fazer completa abstração da reflexão sobre as consequências práticas”, pois “a decisão é – como em toda questão importante – de natureza ética” (idem, p. 314-5), Lukács expõe um conjunto de argumentos que culminam nesta apreciação final:

[...] o bolchevismo baseia-se sobre a seguinte hipótese metafísica: o bem pode surgir do mal, e é possível, como diz Razoumikhine em *Razkolnikov* [Refere-se à obra *Crime e Castigo*, de Dostoiévski], chegar à verdade mentindo. O autor destas linhas é incapaz de partilhar essa fé, e isto porque vê um dilema moral insolúvel na raiz mesma da atitude bolchevique /.../. (LUKÁCS, 1998, p.319; acréscimos nossos).

O dilema moral insolúvel visualizado pelo jovem intelectual na raiz da atitude bolchevique relaciona-se com o seu “socialismo ético tolstoiano” e com a influência de Dostoiévsky – cuja referência explícita na passagem citada não é fruto do acaso.

No Prefácio de 1967, Lukács refere-se a esse ensaio como “uma apologia intelectual fracassada, adornada de argumentos abstratos e de mau gosto” (LUKÁCS, 2003, p. 6). Nessa crítica, o filósofo não explicita o significado da *apologia intelectual fracassada* ou quais seriam esses *argumentos abstratos e de mau gosto*. Todavia, o próprio texto os revela.

Coerente com o dualismo presente em toda a sua reflexão, Lukács defende a separação do pensamento marxiano em *filosofia da história* e *sociologia*. No mesmo sentido, assevera que a *luta de classes* e a *ordem socialista* “por mais estreita que seja sua interdependência, não são produtos do mesmo caminho conceitual”. O sistema de Marx, portanto, estaria dividido nesses dois “pontos cardeais”. Enquanto a *luta de classes* seria “uma constatação da sociologia marxiana que fez época, a saber, que a ordem social sempre existiu e que necessariamente tem uma força motriz”, – na avaliação de Lukács, um “dos princípios básicos mais importantes dos verdadeiros nexos que compõem a realidade histórica” –, a *ordem socialista* é considerada “um postulado utópico da filosofia da história de Marx: um *programa ético* para um mundo novo a vir”. A unidade entre esses dois supostos “pontos cardeais”, – estabelecida pela dialética marxista, que supera a separação rígida e metafísica apontada por Lukács –, conforme o autor da crítica ao bolchevismo, é proporcionada pelo hegelianismo de Marx “que tem uma tendência excessiva a colocar os diferentes elementos do real no mesmo plano” (LUKÁCS, 1998, p. 316; grifos no original).

Evidente que a visão compartimentalizada de Marx ainda permanece neste ponto do desenvolvimento intelectual de Lukács, devidamente articulada com aquela separação entre a vida autêntica e a vida empírica, degradada – presente desde as primeiras elaborações do jovem esteta e da qual irá desvencilhar-se apenas com muito custo. É dessa perspectiva que o filósofo dispõe, em planos diferentes, a realidade da *luta de classes* e o postulado da *ordem socialista* e, a partir de tal orientação, pode concluir:

[...] a luta de classe do proletariado, chamado a conduzir essa nova ordem social, enquanto luta de classes, não contém em si mesma a nova ordem. Do único fato da liberação do proletariado, suprimindo a opressão da classe capitalista, não decorre a destruição de toda opressão de classe, tanto quanto ela não decorria do resultado das lutas libertadoras e vitoriosas da classe burguesa. Sobre o plano da necessidade sociológica exclusivamente, isto significa apenas a mudança da estrutura de classe, a transformação do antigo oprimido em opressor. (LUKÁCS, 1998, p. 316).

Se a luta de classe do proletariado, não contendo em si mesma a nova ordem, apenas transformaria o antigo oprimido em opressor e, embora a vitória do proletariado constitua “uma condição prévia indispensável”, por permitir a “liberação da última classe oprimida”, não passe de “uma condição prévia, um fato negativo”, o que seria necessário, então, para alcançar a verdadeira liberdade e eliminar completamente a relação de opressão? Eis a resposta do jovem Lukács: a **vontade**, o “*querer* esse mundo novo: o mundo democrático”. Essa vontade, erigida num patamar superior à realidade imediata da luta de classes, é o elemento que “não pode ser descartado sem o risco de derrocar todo o edifício”. (LUKÁCS, 1998, p. 316; grifo no original). Por isso, no âmago da objeção do autor ao bolchevismo, o princípio da democracia é um elemento essencial, estando o problema ético relacionado à “maneira pela qual se decide se a democracia faz parte tão-somente da tática do socialismo /.../ ou se é parte integrante dele, de tal modo que seja impossível suprimi-la sem que antes sejam esclarecidas todas as consequências éticas e históricas.” (idem, p. 315). Essas formulações explicitam com muita clareza o idealismo utópico de Lukács. Bastante forte neste período, seu messianismo também se evidencia de forma contundente na seguinte passagem: “é esta *vontade* que faz do proletariado o portador da redenção social da humanidade, a *classe messias* da história do mundo”. A simpatia do autor pelo proletariado e por sua vanguarda bolchevique, afirmada em sua última autobiografia, deve-se, principalmente, ao caráter messiânico que lhes atribui. (idem, p. 316; grifos nossos).

A rígida dualidade que preside a análise lukacsiana e separa a *luta de classes* e a *ordem socialista* opõe, como contrários, a luta do proletariado por seus interesses materiais concretos e a vontade de um mundo novo⁸. Contaminada por seu messianismo utópico e idealista, a análise acerca da *missão* do proletariado não permite a articulação entre as duas dimensões da sua tarefa histórica. Na sua compreensão, “ainda que Marx tenha construído esse processo histórico-filosófico à maneira hegeliana [*Astúcia da razão*], a saber, que é lutando por seus interesses de classe imediatos que o proletariado chegará a libertar o mundo de todo despotismo” (idem, p. 316-7), afirma energicamente:

[...] no instante da decisão – e este instante está aí – torna-se impossível não ver a separação entre a árida realidade empírica e a vontade ética, utópica, humana. E ver-se-á, então, se o papel redentor do socialismo consiste realmente em ser o portador ao mesmo tempo submisso e voluntário da redenção do mundo – ou se não passa de um invólucro ideológico de interesses de classe, mas que só se diferenciam de outros interesses de classe por seu conteúdo, e não por sua qualidade ou força moral. (LUKÁCS, 1998, p.317).

À luz de tal formulação, podemos inferir que, conforme a concepção do autor, a força moral do proletariado sucumbiria sob os interesses de classe mesquinhos e, neste caso, ele não teria a pureza ética para encarnar o papel de *messias*, de redentor da humanidade. Considerando que o “sentido final da luta do proletariado é tornar impossível toda luta de classe posterior, de criar uma ordem social tal que ela não possa aparecer mais, mesmo sob a forma de pensamento”, o dilema moral emerge no momento da escolha entre as alternativas para a busca da “ordem social sem opressão de classe – a social-democracia pura”. (idem, p. 317). Quais seriam essas alternativas? Para Lukács, seriam socialismo ou democracia, as quais ele expõe nos seguintes termos:

Ou nós assumimos a ocasião para realizar esse objetivo, e então nos colocaremos obrigatoriamente sobre o terreno da ditadura, do terror, da opressão de classe, o que nos fará trocar a dominação das classes precedentes pela dominação de classe do proletariado, acreditando que – Satã expulso por Belzebu – esta última dominação de classe, por sua própria natureza mais cruel e aberta, se destruirá a si mesmo e com ela toda a dominação de classe, ou, então, nós queremos que a nova ordem social seja realidade por meios novos, pelos meios da verdadeira democracia (idem, p. 317).

⁸ A esse respeito, Löwy (1998, p.160-1) assevera: “/.../ sua atitude [de Lukács] quanto ao proletariado continua marcada por seu profundo dualismo: ele não compreende a ligação entre este imenso papel histórico-filosófico e a ‘mesquinha’ luta do proletariado por seus interesses materiais. /.../ Ainda uma vez, o neokantismo de Lukács impede-o de compreender a ligação dialética entre o *conteúdo real* de interesses do proletariado e sua qualidade *ética*.” (acréscimos nossos; grifos no original).

Ambas as alternativas são consideradas como portadoras da “possibilidade de crimes monstruosos e de erros incomensuráveis, mas que deverão ser assumidos com plena consciência e responsabilidade por aqueles que se sintam obrigados a escolher”. Justamente a assunção da responsabilidade por essas consequências impõe um dilema ético na escolha. Se a primeira alternativa constitui-se numa dominação de classe mais cruel e aberta do que a existente, na troca de Satã por Belzebu, a segunda – que não deve ser efetivada contra a vontade da humanidade, mas pautada na espera, no ensinamento, na propagação da fé e na expectativa para convencer a humanidade a, livremente e por sua vontade, fazer nascer a ordem desejada – guarda em si um grande perigo, qual seja, a “necessidade – provisória – de colaborar com as classes e os partidos que só estão de acordo com a social-democracia sobre certos objetivos imediatos, mas que permanecem hostis ao seu objetivo final”. O dilema torna-se mais nítido quando Lukács explicita a necessidade de que essa colaboração não desvirtue o objetivo final, não comprometa sua pureza. Em suas palavras, “O dilema, diante do qual a exigência da democracia coloca o socialismo, é um compromisso externo, que não deve tornar-se um compromisso interno”. Nesse aspecto, “a força fascinante do bolchevismo explica-se pela liberação que resulta da supressão desse compromisso”. Já destacamos, em outro momento, o repúdio de Lukács às relações baseadas em “compromissos”. Portanto, aquela simpatia pelo bolchevismo – na realidade, um verdadeiro fascínio – também se justifica por essa compreensão. Todavia, a inegável influência dos preconceitos burgueses lhe proporciona uma desconfiança, cujos efeitos, além dos já demonstrados, também se verificam na constatação de que “aqueles que são enfeitiçados por essa possibilidade [a primeira alternativa] nem sempre são conscientes das responsabilidades que lhes cabem desde logo”. A esses se coloca o dilema ético da relação entre meios e fins: “pode-se atingir o que é bom por meio de maus procedimentos, pode-se chegar à liberdade pela via da opressão?” (idem, p.318; acréscimos nossos). Ora, a classe *messias* pode fazer nascer um mundo novo, utilizando os mesmos instrumentos que as classes precedentes lançam mão para manter a opressão? Em outros termos: É possível chegar à verdade mentindo? O rigor ético lukacsiano não lhe permite responder a essas questões de forma afirmativa, principalmente porque não acredita que seja necessária “mais fé para o ‘rude heroísmo’ da decisão bolchevique do que para a luta lenta, aparentemente

menos heróica, e [,] entretanto [,] carregada de responsabilidades profundas, a luta que trabalha a alma, longa e pedagogicamente, daquele que assume até o fim a democracia” (idem, p. 319). Nada mais coerente, se lembrarmos do significado do idealismo ético para Lukács, conforme explicitado no trecho recolhido por Oldrini (2017, p. 96):

O idealismo ético é uma revolução permanente contra a existência (*Sein*) como existência, contra qualquer coisa que não alcance o ideal da ética; e como é revolução permanente, como revolução absoluta, é capaz de definir e de regular a direção de um desenvolvimento verdadeiro, que não chega nunca a um beco sem saída e não estagna nunca.

Em conformidade com esse idealismo ético, Lukács defende a constituição da nova ordem social pelos “meios da verdadeira democracia” (LUKÁCS, 1998, p. 317). Sua oposição ao bolchevismo, no entanto, não é absoluta, considerando o fascínio nele produzido, mas sedimentada sobre a ideia de transformar o mundo por meios não violentos. E isso tem clara relação com a postura do filósofo diante da possibilidade concreta da violência, como fica claro nesta passagem da sua última autobiografia, quando, referindo-se à hesitação antes da adesão ao Partido Comunista, ele afirma:

Apesar de não ter dúvida alguma sobre o papel positivo da violência na história e de nunca ter tido nenhuma objeção aos jacobinos, é preciso reconhecer que na cabeça do homem em carne e osso como eu, a teoria pode não coincidir exatamente com a prática no instante preciso em que surge o problema de agir em favor da violência. E foi necessário um certo processo, em novembro, para que eu pudesse aderir ao Partido Comunista em meados de dezembro [1918]. (LUKÁCS, 1999, p. 55).

Não obstante o dilema ético explicitado no artigo, Lukács adere ao recém-fundado Partido Comunista Húngaro⁹. Sua adesão causou surpresa e decepção no

⁹ A esse respeito, Michael Löwy afirma: “Lukács aderiu ao PC Húngaro poucos dias *depois da aparição deste ensaio* contra o bolchevismo” (1998, p. 314; grifos nossos), publicado em “15 de dezembro de 1918” (idem, p.158). Guido Oldrini (2009, p. 99), por sua vez, registra: “Na metade de dezembro de 1918, Lukács entra, assim, no Partido comunista húngaro, fundado há menos de um mês”. Porém, conforme István Mészáros (2013, p. 100), Lukács ingressou no Partido Comunista em 2 de dezembro de 1918, doze dias após sua fundação em Budapeste. Leandro Konder (1980, p. 122) assegura que: “Quando este artigo saiu publicado, Lukács tinha já, surpreendentemente, mudado de posição: no dia 2 de dezembro de 1918 inscrevera-se no PC”. Na última autobiografia, a data indicada por Lukács (1999, p. 55) não é precisa, mas se refere a meados de dezembro de 1918. Então, tendemos a crer que os primeiros críticos tenham razão. Não obstante esse desencontro de informações, podemos concluir: a adesão de Lukács ao PC húngaro significa que a mencionada *crise ideológica* fora, minimamente, superada e, como acontecera em outros momentos, o autor não mais se reconhecia no texto que havia escrito.

seu círculo de amigos mais próximos. A expressão utilizada por Anna Lesznai¹⁰ – “de Saulo a Paulo” (OLDRINI, 2009, p. 96) – ilustra bem o sentimento gerado por essa “conversão” entre aqueles que conviviam com o filósofo.

Na avaliação de Oldrini (2009), “conversão” é um termo capcioso que induz à ideia de uma mudança brusca e injustificável, uma concepção possível apenas se embasada numa perspectiva superficial e limitada da trajetória de Lukács. Concordamos com o intérprete italiano ao afirmar que a adesão do filósofo húngaro ao comunismo nada tem de inexplicável. Sem dúvida, na sua evolução, no seu anticapitalismo romântico, na sua revolta em relação ao contexto húngaro pré-bélico ou na sua rejeição aos valores burgueses encontram-se elementos suficientes para justificar o ingresso no Partido Comunista. Que o caminho trilhado para o comunismo era posto pelo seu próprio desenvolvimento Lukács mesmo o reconheceu nos seus escritos autobiográficos. Obviamente, não defendemos, aqui, um desenvolvimento necessário, pois as escolhas realizadas pelo esteta-filósofo frente às alternativas postas pelo real têm um peso nada desprezível nesse processo. Portanto, definitivamente, não se trata de uma conversão, no sentido de uma súbita reviravolta. Por isso, concordamos plenamente com a afirmação de Mézáros:

A identificação de Lukács com o marxismo significou uma mudança qualitativa em seu desenvolvimento. No entanto, ela não aconteceu da noite para o dia; não poderia ser descrita com as categorias de ‘ruptura radical’ e ‘radicalmente nova’, contra as quais Lukács, em sua defesa dialética, travou uma batalha durante toda a sua vida. Ao contrário, as raízes dessa mudança devem ser buscadas muito antes, em sua síntese dialética na juventude e nas tensões internas desta. (MÉSZÁROS, 2013, p. 34).

Mesmo que o ingresso de Lukács no PC húngaro, como observa Löwy, “Por sua forma súbita e seu caráter irreversível, lembr[e] efetivamente uma conversão religiosa, o que corresponde perfeitamente ao caráter ético-místico do personagem nesta época”, essa aparente descontinuidade não anula o fato de que “a mudança de Lukács foi preparada por todo seu desenvolvimento anterior” (LÖWY, 1998, p. 157-8). Reforça essa tese o fato de Lukács não ter sido o único intelectual húngaro a aderir ao movimento comunista, o que demonstra um poder bastante forte de atração e fascínio exercido pela força do proletariado sobre grande parte da

¹⁰ Anna Lesznai, poeta e novelista, fazia parte da Sociedade Dominical que se formou em torno de Béla Balázs e de Lukács, entre 1915 e 1918, em Budapeste.

intelectualidade. Inclusive, entre os integrantes do Círculo Dominical, encontramos alguns futuros militantes comunistas e participantes da República dos Conselhos.

Não obstante, para o filósofo, a necessidade de justificar a escolha colocou-se de forma imperativa e resultou na produção do ensaio *Tática e ética*, no qual Lukács faz um acerto de contas consigo mesmo para possibilitar seu ingresso no Partido Comunista e revela as motivações humanas internas que justificam sua decisão (LUKÁCS, 2003, p. 6). Dois aspectos bastante importantes da superação da crise ideológica podem ser verificados nas passagens a seguir:

A teoria marxista da luta de classes, que neste ponto de vista segue totalmente a conceituação hegeliana, transforma o objetivo transcendental em um objetivo imanente; a luta de classes do proletariado é o próprio objetivo e, ao mesmo tempo, sua realização. (LUKÁCS *In*: LÖWY, 1998, p. 172).

[a ética] nos ensina que, mesmo diante da escolha entre dois modos de incorrer em culpa, nós ainda encontraremos uma norma associada à ação correta e à incorreta. Esta norma nós denominamos *sacrifício*. E, assim como o indivíduo, que escolhe entre duas formas de culpa, finalmente faz a *escolha correta* quando sacrifica seu *eu interior* no altar da *ideia mais elevada*, assim também é necessário força para avaliar este sacrifício em termos da *ação coletiva*. No último caso, contudo, a ideia representa *um imperativo da situação histórico-mundial, uma missão histórico-filosófica*. (LUKÁCS *In*: MÉSZÁROS, 2002, p. 368-9; grifos no original; acréscimo nosso).

Na primeira citação, evidencia-se uma mudança significativa no que tange àquela separação rígida, efetivada por Lukács no ensaio sobre o bolchevismo, entre a vontade de um mundo novo e a luta pelos interesses concretos e imediatos do proletariado. Se “a luta de classes do proletariado” é identificada com “o próprio objetivo” e, simultaneamente, com a “sua realização”, podemos concluir que Lukács não mais alimenta dúvidas em relação à força moral do proletariado como classe que luta pelo objetivo final da eliminação de toda forma de opressão. Parece ser aqui o nascedouro daquela fé irrestrita que o filósofo lhe dedicará por décadas.

A segunda citação refere-se ao dilema ético, o grande nó górdio enfrentado por Lukács naquele momento de transição entre novembro e dezembro de 1918. O sacrifício do “seu eu interior” – ou seja, o sacrifício da sua ética pessoal, a queda no pecado, a perda da pureza, a perda da alma – “no altar da ideia mais elevada” – a superação da sociedade de classes, a redenção social da humanidade – possibilitou a saída para aquele dilema. A superação da crise ideológica, claramente explicitada em “*O bolchevismo como problema moral*”, e anunciada por Lukács como anterior à sua adesão ao PC, encontra-se teorizada no ensaio *Tática e ética*. Indubitavelmente,

o texto demonstra a força da ética impulsionando não apenas a resolução da crise ideológica e uma mudança substancial na concepção do autor acerca das questões centrais relativas ao bolchevismo, mas seu ímpeto à ação. Diante daquela encruzilhada, a posição a ser assumida é definida, fundamentalmente, com base na ética¹¹. O compromisso ético torna-se o impulso e a “força motora por trás do trabalho intelectual divisado por Lukács” (MÉSZÁROS, 2002, p. 368), indicando tendências em meio a toda aquela efervescência intelectual, assinalada como sugere a afirmação a seguir: “A ética, por exemplo, impele à prática, ao ato e, assim, à política. Esta, por sua vez, impele à economia, o que leva a um aprofundamento teórico e, por fim, à filosofia do marxismo.” (LUKÁCS, 2003, p. 5). Conclui-se, assim, que as motivações éticas influenciaram sua decisão tão profundamente como direcionaram sua percepção inicial sobre o bolchevismo.

Embora pareça que, na passagem citada, Lukács descreve, de forma linear, o caminho percorrido desde sua tomada de posição diante dos acontecimentos da década de 1920 até a apreensão da filosofia marxiana, na realidade, ele ressalta que se tratam apenas de tendências cujos desdobramentos ocorrem lenta e irregularmente. Sua honestidade não lhe permite traçar uma linha de evolução intelectual imanente e orgânica quando, no Prefácio crítico de 1967, examina aspectos desse percurso. Referindo-se a este momento, o qual coincide com o início de seu período protomarxista, o filósofo lança a seguinte questão:

“Se a Fausto é permitido abrigar duas almas em seu peito, por que uma pessoa normal não pode apresentar o funcionamento simultâneo e contraditório de tendências intelectuais opostas quando muda de uma classe para outra em meio a uma crise mundial?” (LUKÁCS, 2003, p. 4).

Entendemos a pergunta de Lukács como uma forma de justificar seu estado nesse momento peculiar da sua formação intelectual. A discussão desenvolvida até aqui evidencia que a trajetória do filósofo húngaro está longe de desenrolar um movimento retilíneo e, certamente, a importante viragem que tem lugar após a eclosão da Primeira Guerra Mundial e a irrupção da Revolução Soviética – cujo ponto máximo é a adesão ao Partido Comunista húngaro – marcará, decididamente, toda sua evolução posterior, mas não significará uma ruptura radical, na qual a

¹¹ A motivação ética foi preponderante no momento da adesão de Lukács ao Partido Comunista. Todavia, a intervenção no âmbito político, ao longo de uma década, trouxe como resultado a incorporação de razões teóricas como fundamento daquela escolha (Cf. NETTO, 1983, p.29-30). Naturalmente, pensamos também nos estudos impulsionados pela atividade política, como motor desse deslocamento na fundamentação da escolha.

continuidade seja completamente eliminada. Novamente, encontramos uma superação que nega e, ao mesmo tempo, incorpora elementos do quadro anterior. Certamente não se trata de um processo simples, mas as contradições desse período não são negadas nem aplainadas. O autor de *Tática e ética* enfrenta-as crítica e corajosamente e, examinando seu universo intelectual referente a esse período, afirma encontrar “de um lado, tendências simultâneas de apropriação do marxismo e ativismo político e, de outro, uma intensificação constante de problemáticas éticas puramente idealistas.” (LUKÁCS, 2003, p. 4).

O fato de ter abandonado, por pura convicção, a classe economicamente privilegiada na qual nascera não significa que todas as experiências até então vivenciadas sejam negadas, esquecidas ou, simplesmente, percam qualquer poder de manifestação ou de permanência em seu ser. O processo é muito mais complexo. Não permite uma visão unilateral na qual tudo que existia antes é negado e suprimido diante do novo homem que surge. Não se trata de um “quadro em preto-e-branco” – reflete Lukács (idem, p.4-5) – “como se um bem revolucionário em luta contra os resíduos do mal burguês esgotasse a dinâmica dessa oposição”. A nova síntese elaborada pelo filósofo não nega a dimensão positiva dos elementos hegelianos, do idealismo ético, do anticapitalismo romântico e mesmo do conhecimento do mundo capitalista, ressaltando que, “naturalmente, apenas depois que esses elementos foram superados como tendências dominantes ou simplesmente co-dominantes e se tornaram – modificados várias vezes em seu fundamento – elementos de uma nova concepção do mundo doravante unitária”. (LUKÁCS, idem, p. 5).

Com a adesão ao Partido Comunista, Lukács supera a dimensão prática do impasse, vence a hesitação. Todavia, as questões teóricas não são resolvidas imediatamente. Segue-se um período de confusão subjetiva e de grandes incertezas, claramente demonstrado pela “simultaneidade de oposições abruptas” (LUKÁCS, idem, p. 4) presentes nos escritos desse primeiro momento de transição, quando as “duas almas” ainda não alcançaram uma síntese adequada e o estado interior de desorientação permanece não superado. Ora, nele, agem tendências conflitantes, influências ecléticas, e aquela nova concepção do mundo – que se coaduna com o novo homem – só surge após a superação desse conflito, o que não é, nem de longe, coisa de pouca monta. Na realidade, no plano teórico, como afirma

Oldrini (2009, p. 99), “a verdadeira ‘conversão’ de Lukács, a sua conversão ideológica radical /.../ acontece somente quando, em virtude do recurso à filosofia da história como ‘critério decisivo da tática socialista’, ele encontra modo de livrar-se da hipoteca do refreamento da política na ética”.

Nesse quadro, a articulação da atividade política e do aprofundamento teórico, possibilitada por sua experiência comunista, torna-se o principal veículo para a evolução intelectual do esteta-filósofo. A ativa participação na Revolução Húngara serviu para clarificar a compreensão do filósofo acerca da “fragilidade de toda teoria de orientação sindicalista” (LUKÁCS, 2008, p. 40), embora não tenha sido suficiente para eliminar seu subjetivismo ultraesquerdista. Lukács também adverte para a insuficiência de sua preparação diante das grandes tarefas impostas pela República dos Conselhos¹². O escasso conhecimento acerca da teoria da revolução de Lênin ilustra bem esse fato¹³, pois o estudo de suas obras só foi possível no período da emigração para Viena, quando o principal interesse de Lukács tornou-se “revigorar a continuidade do movimento operário revolucionário na Hungria” (LUKÁCS, 2003, p. 8) e, justamente por isso, vincula o estudo à atividade revolucionária, tendo nela seu fim último.

Na primeira experiência política, como vice-comissário na efêmera República dos Conselhos, as tendências intelectuais presentes em Lukács o impulsionaram numa direção que, décadas depois, ele consideraria “utópica e abstrata no campo da política cultural” (LUKÁCS, 2003, p. 7). Todavia, cabe enfatizar a importância de sua participação no Comissariado para a educação pública, não apenas porque sua influência se fez sentir de forma patente nas decisões institucionais relativas à vida artística e cultural da Hungria (OLDRINI, 2009), mas porque ela é parte do trabalho prático que se seguiu à sua adesão ao Partido. Como ele próprio assinala: “O *trabalho prático* logo me obrigou a dedicar-me aos escritos econômicos de Marx, a um estudo mais profundo da história, da história econômica, da história do

¹² A República dos Conselhos foi instaurada pela Revolução Húngara de 21 de março de 1919 e esmagada cerca de quatro meses depois, no dia 1º de agosto, quando se instala o Terror Branco. Nesse ínterim, Lukács toma parte na direção do partido.

¹³ No *Diálogo sobre o pensamento vivido*, encontramos as seguintes declarações de Lukács: “A cultura marxista, até mesmo em gente como eu que tinha lido Marx, era muito escassa” e “Posso dizer que entrei no partido totalmente despreparado e que, sob este aspecto, no partido não aprendi absolutamente nada. Os verdadeiros anos de aprendizagem forçada começaram com a ditadura do proletariado e depois de sua queda, quando uma parte dos comunistas se esforçou para conhecer e assimilar o marxismo, entendido no sentido comunista da palavra”. (LUKÁCS, 1986, p.33).

movimento operário etc., compelindo-me assim a uma revisão contínua dos fundamentos filosóficos” (LUKÁCS, 2008, p. 39-40; grifos nossos). Nessa passagem, assinala-se uma mudança bastante significativa na trajetória intelectual de Lukács: as questões práticas-objetivas assumem o primeiro plano; é delas que emergem as motivações e o direcionamento do aprofundamento teórico. A realidade objetiva começa a impulsionar uma mudança dos fundamentos da malha conceitual lukacsiana. Porém, inicialmente, ela se constitui em apenas mais um elemento – embora importantíssimo para o desenvolvimento ulterior do filósofo – no âmbito do embate que ele vivencia neste momento de transição. Todavia, um aspecto extremamente importante deve ser enfatizado: o contato com a obra de Marx não é mais norteado pelos interesses acadêmicos que o impulsionaram no período pré-marxista. A mudança de posição na luta de classes determina um novo modo e um novo grau de sua apropriação do marxismo.

REFERÊNCIAS

- KONDER, Leandro. **Lukács**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.
- LÖWY, Michael. **A evolução política de Lukács: 1909-1929**. (Tradução: Heloísa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins). Ed. revista. São Paulo, Cortez, 1998.
- LUKÁCS, Georg. *In.*: HOLZ, H.H; KOFLER, L.; ABENDROTH, W. **Conversando com Lukács**. (Tradução de Giseh Vianna Konder). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LUKÁCS, Georg.. “Diálogo sobre o pensamento vivido”. *In.*: **Revista Ensaio**. N. 15/16, São Paulo: Editora Ensaio, 1986. pp.:13-87.
- LUKÁCS, Georg. “O bolchevismo como problema moral”. *In.*: LÖWY, Michael. **A evolução política de Lukács: 1909-1929**. (Tradução: Heloísa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins). Ed. revista. São Paulo: Cortez, 1998. p.: 314-319.
- LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivido: autobiografia em diálogo: entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér**. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, Viçosa, MG: Editora da UFC, 1999.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. (Tradução, Posfácio e Notas: José Marcos Mariani de Macedo). São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. (Tradução: Rodnei Nascimento; revisão: Karina Jannini). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Georg. **Socialismo e democratização**: escritos políticos 1956-1971. (Organização, apresentação e tradução: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LUKÁCS, Georg. **Arte e sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. (Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. (Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa). São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

LUKÁCS, Georg. **O conceito de dialética em Lukács**. (Apresentação e revisão técnica: José Paulo Netto; tradução: Rogério Bettoni). São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NETTO, José Paulo. **Georg Lukács**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

OLDRINI, Guido. **György Lukács e i problemi del marxismo del novecento**. Istituto italiano per gli studi filosofici. Napoli: Edizioni La città del sole, 2009.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács**: etapas de seu pensamento estético. (Tradução: Renira Lisboa de Moura Lima). São Paulo: Editora UNESP, 2008.